

# O sistema vasconceliano e a orientação profissional baseada nos princípios da pedagogia contemporânea: o pedagogo português A. Faria de Vasconcelos (1880-1939)

The Vasconcelian system and vocational guidance based on the principles of contemporary pedagogy: the Portuguese educator A. Faria de Vasconcelos (1880-1939)

Ernesto Candeias Martins <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Instituto Politécnico da Lusofonia IPLUSO-ESEL, investigador do CeIED da ULHT, Portugal. <https://orcid.org/0000-0003-4841-1215>

Recebido em 11 de fevereiro de 2026  
Aprovado em 3 de agosto de 2026

## Resumo

Trata-se de um estudo histórico-descritivo sobre a obra de Faria de Vasconcelos, no âmbito da História da Educação, recorrendo à análise de fontes documentais. Recorremos à metodologia hermenêutica para analisar o seu pensamento e os contributos por ele dados, sob os influxos da Educação Nova. Estruturámos o texto em três pontos fulcrais, que constituem os objetivos do estudo: conhecer os princípios da Escola Nova no pensamento vasconceliano; analisar os contributos da orientação profissional na dimensão da pedotecnia/psicotecnia; e compreender o legado para a história da educação. Reconhecemos a projeção deste pedagogo, impregnado pela pedagogia da época, preocupado com a formação didática de professores, numa vertente psicopedagógica do ensino-aprendizagem, da pedagogia escolar e da orientação escolar e profissional. Propôs soluções para os problemas escolares dos alunos, incluindo os considerados anormais à época, plasmadas na sua colaboração na *Proposta de Reforma do Sistema Educativo*, de João Camoesas (Portugal, 1923).

**Palavras-chave:** Faria de Vasconcelos; Movimento Escola Nova; pedagogia contemporânea; história da educação; orientação profissional.

## Abstract

This is a historical-descriptive study of the work of Faria de Vasconcelos within the field of the History of Education, based on the analysis of documentary sources. We adopted a hermeneutic methodology to examine his thoughts and contributions under the influence of the New Education Movement. The text is structured around

three key objectives: to identify the principles of the New Education movement in Vasconcelian thought; to analyse the contributions of vocational guidance within the framework of pedotechnics/psychotechnics; and to understand his legacy for the History of Education. We recognize the prominence of this educator, whose work was deeply influenced by the pedagogical ideas of his time and who was committed to the didactic training of teachers from a psychopedagogical perspective encompassing teaching and learning, school pedagogy, and educational and vocational guidance. He proposed solutions to students' educational problems, including those of pupils considered abnormal at the time, as reflected in his collaboration on João Camoesas's *Proposal for the Reform of the Educational System* (Portugal, 1923).

**Keywords:** Faria de Vasconcelos; New School Movement; contemporary pedagogy; history of education; vocational guidance.

## Ideias introdutórias

António Sena Faria de Vasconcelos nasceu em Castelo Branco em 2 de março de 1880 e faleceu em Lisboa a 11 de agosto de 1939. Era filho do juiz de direito Luís Cândido d'Azevedo Faria de Vasconcelos Cabral (1841-1904), casado a 27 de novembro de 1857 com Maria Rita D'Andrade Pizarra Serra Belo, natural de Idanha-a-Nova. Faria de Vasconcelos frequentou a escola primária na sua terra natal, frequentou o colégio dos missionários franceses – Padres do Espírito Santo (Braga) – e, posteriormente, cursou direito (1896) na Universidade de Coimbra, formando-se (bacharel) em 1901. Viaja pelos países francófonos, preocupando-se com os povos e multidões, pessimistas e expostos a violências, guerras e falta de moralidade social, com problemas educativos (analfabetismo) e de instrução popular, pois na época a educação “age mais sobre a memória do que sobre a inteligência”, e daí querer promover “a admissão pacífica da multidão na cidade” devido à falta de conhecimentos úteis, exigindo a reorganização das escolas e do seu plano curricular (didáticas com métodos ativos) (Bandeira, 2003).

Vasconcelos então começa a interessar-se pelas ciências pedagógicas. Em 1902, viaja a Paris e de lá segue para Bruxelas para matricular-se na Universidade Nova (Escola Livre Internacional de Ensino Superior), com o intuito de ampliar conhecimentos e, simultaneamente, entrar em contato com muitos pensadores belgas, de vários âmbitos científicos (médicos, psiquiatras, pedagogos, psicopedagogos, sociólogos). Termina o doutoramento de forma brilhante, sendo convidado a lecionar psicologia e pedagogia no Instituto dos Altos Estudos (1904-1914) (Brasil, 1969; Vasconcelos, 1986).

Em outubro de 1912, cria uma escola nova em Biérges-lez-Wawre, na Bélgica, onde aplica muitos dos seus ideais da Escola Nova e da pedagogia moderna, principalmente: o ensino centrado na atividade do aluno e na sua aprendizagem, a partir dos seus próprios interesses; uma pedagogia diferenciada orientada a um ensino

individualizado; utilização de métodos ativos, de indagação e da metodologia de projeto. Suas ações partiam da prática para a teoria, através do “método indutivo”, e simultaneamente formava os alunos como cidadãos ativos, autônomos, criativos, responsáveis e críticos (Duarte, Meireles-Coelho, 2011). Devido à invasão alemã, foge da Bélgica em 1914 para Genéve, partilhando ideias (psico)pedagógicas inovadoras no Instituto J. J. Rousseau (responsável pelo curso de Ciências de Educação em 1914-1915), dirigido por E. Claparède e Pierre Bouvet, e durante esse período aloja-se no chalé do seu amigo A. Ferrière (Martins, 2019).

Na época, muitos governos (liberais) de países latino-americanos interessavam-se pelas novas ideias psicopedagógicas, apoiando missões e viagens de estudo de educadores à Europa (bolsistas) ou a ida de pedagogos europeus para contribuir na reforma do ensino/educação. Faria de Vasconcelos é então convidado pelo governo de Cuba, sob influência do pedagogo cubano Juan Ramón Ximenez (amigo de Claparède e Ferrière) para ir a Havana, entre 1915 e 1917, e implantar as ideias do Movimento da Escola Nova (modelo de Biérges), no contexto da desejada reforma liberal do sistema educativo cubano (Cunha, 1997). Nesse país orienta a reforma pedagógica na base dos princípios da Educação Nova e organiza as instituições de acolhimento para crianças/jovens desvalidos, em risco ou desprotegidos (reformatórios), exercendo o cargo de inspetor do Ministério da Saúde e do Bem-fazer, dependente do Ministério da Beneficência, além de promover escolas em Havana com os ideais da pedagogia moderna e desempenhar várias tarefas pedagógicas (Vasconcelos, 2000; Martins, 2019).

Em 1917 vai para a Bolívia integrando o grupo de pedagogos europeus – “Missão Belga” (pelo facto de estar casado com uma belga era considerado um “pedagogo belga”) –, onde o amigo pedagogo belga Georges Rouma era responsável da reforma do ensino e da (re)organização da educação pública boliviana, na época do governo liberal de Ismael Montes, introduzindo ideias da Escola Nova e os modelos (psico)pedagógicos europeus, especialmente no âmbito da formação de professores. Vasconcelos permanece nesse país andino até finais de 1920, embrenhando-se na reforma liberal boliviana na época, divulgando as ideias de pedotecnia, “paidologia”, “pedologia” e de pedagogia científica, além de contribuir para a criação/integração da vertente didático-pedagógica e psicopedagógica na estrutura curricular das escolas normais de formação de professores, de modo a saírem normalistas capazes de educar o povo num contexto multicultural complexo.

Sua atividade educativa e pedagógica na Bolívia leva-o a criar a seções de ciências pedagógicas na Escola Normal Superior de la Paz, sendo aí professor e coordenador da seção pedagógica), sendo posteriormente nomeado diretor da Escola Normal de Sucre. É nessa última instituição de formação de educadoras e professores primários que desenvolve sua atividade, e cria a *Revista Pedagógica*, implementando as didáticas de ensino na formação desses futuros normalistas, publicando diversos trabalhos didáticos de apoio, o programa “Sillibus” do Curso de Direção e Organização Escolar (1919) e outras iniciativas (Vasconcelos, 2000). Toda a sua ação (psico)

pedagógica na Bolívia irá influenciar o pensamento pedagógico latino-americano (influxos no Brasil), envolvendo-se em algumas intervenções políticas em defesa e promoção das culturas locais (interculturalidade emancipatória, participante e inclusiva), além de defender perante a Sociedade das Nações os direitos do povo boliviano e do seu território (Vasconcelos, 1922).

Regressa a Portugal a finais de 1921, sendo convidado a lecionar na Universidade de Lisboa, na Escola Normal Superior e na Universidade Popular. Colabora em algumas revistas científicas da época (por ex.: *Revista Escolar*) e publica a primeira série da obra *Problemas escolares* (Vasconcelos, 1929), em que descreve sua ligação ao mundo educativo e aos princípios da pedagogia experimental e inovadora. Integra, com alguns amigos, o grupo da Seara Nova, em que tem uma imensa atividade científica, fazendo parte do mito regenerador que orientava seus integrantes e associados, naquilo que era o seu diagnóstico ao “problema nacional” da educação/ensino, marcadamente de ordem axiológica e humanista (Meireles-Coelho, Cotovio, Ferreira, 2014).

---

**Mantém a revista em publicação até dezembro de 1935, manifestando um claro e inequívoco desencanto com a situação político-educativa e social**

Embora a ditadura militar (1926-1928) não lhe tenha proibido a *Revista Escolar*, que dirigia desde outubro de 1925, a verdade é que, posteriormente institucionalizada a censura no Estado Novo, a partir de 1930, o seu desinteresse é manifesto, pois nada lá escreve depois de 1932, e durante esse ano apenas um pequeno artigo. Mantém a revista em publicação até dezembro de 1935, manifestando um claro e inequívoco desencanto com a situação político-educativa e social, escrevendo essencialmente temas de legislação educativa e artigos traduzidos de autores estrangeiros, especificamente teóricos da Educação Nova. É de destacar que, em 1926, publica um artigo (Vasconcelos, 2009) incentivando a criação de organismos especializados para a orientação profissional, que originou a criação do Instituto de Orientação Profissional (IOP) Maria Luísa Barbosa de Carvalho,

reiterando os objetivos, os métodos e processos que essa instituição deveria seguir, no âmbito jurídico vigente (Decretos nº 10.986, de 31/7 e nº 11.176, de 24/10 de 1925) e na missão de definir parâmetros científicos e técnicos para determinar as “aptidões características dos orientandos” (Alves, 1969; Santos, 1969).

É nomeado diretor do IOP, que é inaugurado pelo presidente da república, general Gomes da Costa, a 30 de junho de 1926, com as competências atribuídas pelo Decreto nº 12.012, de 15 de dezembro de 1926, estruturado e organizado em seções de trabalho e com vários laboratórios apetrechados com equipamentos modernos, alguns únicos na Europa, além da publicação do *Boletim Instituto de Orientação Profissional “Maria Luísa Barbosa de Carvalho”* desde 1928. Nesse instituto, exerce também as funções de professor, até 1939, desenvolvendo vários estudos com as escolas da capital e instituições de menores (reformatórios), com a intenção de detetar os problemas escolares e dificuldades de aprendizagem (insucesso esco-

lar) dos alunos e propor medidas de orientação escolar (Vasconcelos, 2009). Lembramos que o IOP foi objeto de uma sindicância da polícia política, que motivou a redução de verbas para seu funcionamento (Patrício, 2010). Cria o Instituto de Reeducação Mental e Pedagógico, em 1929, nas dependências do IOP, mas que veio a ser encerrado em 1931, por falta de apoios (Vasconcelos, 1931).

Falece em agosto de 1939, deixando para trás um temperamento discreto e reservado, sem polemizar, criticar e insurgir-se publicamente, mas na intimidade mostrava-se firme nas suas convicções. Não era um homem que deixasse de pensar ou de expressar as suas convicções, mesmo quando estas contrariavam os valores e as ideias dominantes. A mudança política decorrente da implantação do regime militar e, posteriormente, do Estado Novo levou-o a falar, nas palavras de F. Bandeira (2003, p. 1398), de uma “repressão fascista” e da “confiscação” dos valores educativos e democráticos republicanos. Embora estivesse longe de ser um “ativista político”, sempre demonstrou o tacto necessário para lidar com as situações mais adversas. De toda essa panóplia de aspetos que o pensamento vasconceliano abrange, analisados à luz do método hermenêutico, abordaremos dois pontos: os influxos do Movimento da Escola Nova no seu pensamento, fruto da sua permanência na Bélgica e na Suíça; e a criação e modernização da orientação profissional e escolar em Portugal, com recurso à pedotecnia e à psicotecnia da época, evidenciando a sua preocupação com a orientação dos alunos na escolha da profissão e com a qualificação dos profissionais.

## **O sistema vasconceliano sob a égide dos princípios da Escola Nova**

Os ideais da Escola Nova, com os seus princípios, técnicas e estratégias de ensino, constituíram símbolos de modernidade pedagógica, que em Portugal teve como divulgadores, entre outros: Adolfo Lima, Álvaro Viana de Lemos, António Sérgio, Albano Ramalho, João de Barros e António Faria de Vasconcelos. Sabemos que a Escola Nova surgiu com o propósito de estabelecer novas relações de saber-poder, e com isso novas formas de subjetivação, opostas à concepção tradicionalista e retrógrada do ensino, mas com o objetivo de criar um homem novo e integral que se enquadrasse no progresso. Para atingir este ideal, a Escola Nova apostava em novas metodologias e estratégias de ensino-aprendizagem ativas, como assistir a espetáculos teatrais ou interpretar papéis, visitar museus e fábricas, fazer passeios escolares, elaborar jornais escolares, recorrer a livros ilustrados. Nessa nova relação de poderes, novos saberes curriculares foram emergindo, permitindo compreender a inclusão curricular da educação cívica, da ginástica pedagógica, do canto coral, do desenho e outros trabalhos manuais. Essa renovação não se traduzia só em métodos de ensino e saberes disciplinares, mas no processo ensino-aprendizagem (estratégias), ampliando-se a organização do espaço e do tempo escolar, além de integrar propostas dos higienistas e da psicopedagogia,

de tal maneira que a Escola Nova acionou uma nova engrenagem, produzindo um novo sujeito (Brasil, 1969).

É nessa sequência do Movimento da Escola Nova, que proliferou em diversos países da Europa, que Faria de Vasconcelos é pioneiro de uma experiência pedagógica inovadora, a escola nova de Biérges-lez-Wawre. na Bélgica, de 1912-1914, a qual cumpriu 28,5 dos 30 princípios estabelecidos pelo Bureau International de Écoles Nouvelles (BIEN), segundo o seu diretor A. Ferrière, sendo por isso a segunda escola que se aproximou do cumprimento de todos aqueles princípios, apesar de não ter condições para alojar os alunos em pequenos grupos e porque a Bélgica não permitia a coeducação, de modo a cumpri-los todos. Nessa experiência o pedagogo albicastrense atribui grande importância ao ambiente em que a educação se processa, ao meio em que o educando se desenvolve (Vasconcelos, 1915). Considera que o ensino deve provir da própria vida, partir da realidade concreta, com ligação ao mundo da experiência e da representação da criança e dos seus interesses, cabendo ao educador respeitar as leis do seu desenvolvimento (Vasconcelos, 2015).

---

**O que importava não era só o educador possuir conhecimentos, mas sobretudo saber servir-se deles, saber utilizá-los e levar a criança ao “saber fazer, fazendo”**

A libertação da criança é a palavra de ordem da pedagogia nova (paidologia, pedologia, pedotecnia, psicotecnia), inscrita na linha da emancipação geral do homem, tal como ficará estabelecido, em 1921, no Congresso Internacional de Calais – “Uma educação para uma era nova”, ocasião da criação da Ligue Internationale pour l'Éducation Nouvelle (LIEN), em que os novos princípios educativos se agregaram à concepção de “educação nova” ou “educação ativa para a era nova”. Vasconcelos (1909) coloca a criança em contacto direto com as formas de vida e trabalho, apresentando-lhe as coisas no seu ambiente natural, e assim o educador ou professor observava, experimentava, agia, manipulava, construía desde o contexto o modo de ensinar mais adequado. Ou seja, o que importava não era só o educador possuir conhecimentos, mas sobretudo saber servir-se deles, saber

utilizá-los e levar a criança ao “saber fazer, fazendo” (Brasil, 1969). Nessa escola de Biérges, ensinava-se o mínimo possível e promovia-se o ensino pelo esforço pessoal de pesquisa e descoberta: iniciação à vida prática ocupando as crianças de maneira inteligente, atrativa e alegre, levando-as a relacionar-se entre elas, a conhecerem-se entre si e tendo um acompanhamento de perto e em grupos pequenos pelos educadores (espécie de *counselling*) (Meireles-Coelho, Cotovio, Ferreira, 2014).

Igualmente, alternava os trabalhos manuais com os trabalhos intelectuais, em que os primeiros eram meios de expressão das necessidades, dos sentimentos, das ideias provenientes de aquisições escolares pelas crianças, e por isso encadernar, modelar, desenhar, trabalhar em marcenaria era tão importante como ler, escrever e contar. Sabemos que a Escola Nova valorizava os trabalhos manuais, pois eram bons instrumentos de desenvolvimento intelectual (Vasconcelos, 2015, p. 44):

Os trabalhos manuais, como acestaria, cerâmica, cartonagem, modelagem, encadernação, trabalhos em madeira e ferro, completam o quadro dos exercícios físicos e constituem um fator precioso do desenvolvimento físico e intelectual da criança. Além de satisfazerem a necessidade de atividade tão natural na criança, os trabalhos manuais desenvolvem as capacidades de observação, comparação, e imaginação, estimulam o espírito de iniciativa e de construtividade, promovem o desenvolvimento do rigor, oferecem múltiplas oportunidades de aplicar numerosos conhecimentos (em ciências naturais, cálculo, geografia física), constituindo um meio de expressão real e vivo. As crianças aprendem a destreza manual tão necessária no seu desenvolvimento e para a vida.

Em Biérges, intenta-se unir em cada atividade letiva os vários ramos do saber, numa perspectiva de concentração de esforços para que os alunos percebessem as suas interligações mútuas. O pedagogo português insiste na adoção e aplicação do método científico, a fim de desenvolver espírito crítico e sentido de descoberta junto dos alunos, tendo por base as suas próprias experiências e interesses pessoais (Vasconcelos, 2000). O desenvolvimento dessa capacidade crítica e reflexiva nos alunos constituía uma das preocupações educativas naquela instituição, tal como Faria de Vasconcelos (2015, p. 50) afirma:

A fim de desenvolver o espírito crítico da criança, de a habituar a controlar os seus atos, a saber como os outros a veem e também para fortalecer o seu sentimento de equidade, justiça e generosidade, uma ou duas vezes por trimestre fazemos uma apreciação do trabalho e do comportamento de cada aluno, em que cada um fala de si e ouve as opiniões que os seus colegas têm sobre si próprio.

O escolanovista português procurava naquela “escola nova” incrementar nos alunos a capacidade de aplicação dos conhecimentos, de modo a analisarem, raciocinarem e comunicarem com eficiência os saberes adquiridos, à medida que resolviam e interpretavam os problemas da vida quotidiana, isto é, era a ação de levar os alunos a observar o real ou o simples fazer que orientava toda a dinâmica dessa escola (Cunha, 1997). Em Biérges, partia-se da experiência, pela observação e análise dos fenómenos, dos acontecimentos, dos factos e das situações, possibilitando ao aluno a compreensão deles; uma escola que educa no/para o trabalho, através das tarefas práticas diárias em que os alunos aprendiam a fazer fazendo (havia entre os professores um serralheiro e um mecânico), promovendo assim uma cultura de trabalho e de produtividade com autonomia (Vasconcelos, 1915).

Simultaneamente, era uma escola ativa, em que a aprendizagem do aluno passava a ser o fator fulcral – abandono do ensino expositivo, para adotar uma aprendizagem por descoberta, na base do método indutivo, partindo da prática observacional para a teoria, ou do concreto/particular para o abstrato/geral, concebendo a educação ministrada na base dos interesses dos alunos, utilizando a metodologia de projeto e de resolução de problemas, o ensino individualizado norteado pela diferenciação pedagógica, para permitir o sucesso a todos e a cada um dos alunos (Martins, 2019).

---

**A partir do desenvolvimento de competências, com uma atitude de pensamento crítico, os alunos refletiam sobre o trabalho individual e dos colegas**

O pedagogo albicastrense deposita confiança nos educandos, nas suas aptidões para se formarem, e assim defende uma educação baseada nas tendências e interesses motivacionais, uma educação diferenciada, com recurso a métodos ativos (Vasconcelos, 1929). A organização educativa em Biérges não admitia a seleção dos alunos baseada em fatores económicos, sociais ou de classe, pois a diferenciação entre eles só poderia ser pelas diferenças dos seus interesses e aptidões. Lembramos que a própria conceção de Educação Nova se norteava pelos interesses e aptidões diferenciadoras nos educandos, com o objetivo de suscitar situações em que o aluno criasse habilidades úteis à ação prática do fazer. Nessa valorização de métodos e processos educativos, no âmbito de uma pedagogia diferenciada, Faria de Vasconcelos propõe um pragmatismo pedagógico, com

certa influência de Dewey, mas que se materializa na ação concreta (pedagogia da ação) (Marques, 2000). Daí atribuir à pedagogia contemporânea um carácter funcional, pois considerava processos mentais do aluno como instrumentos destinados a manter e a aperfeiçoar a sua vida, ou seja, como funções vitais e não como processos em si mesmos. Não se trata de um pragmatismo rígido e unilateral, mas um pragmatismo em que a inteligência e todo o saber conduziam à ação.

Na escola de Biérges, pretendia-se uma educação integral, que desenvolvesse nos alunos o gosto pelos conhecimentos, articulando as dimensões teórica (saber) e prática (fazer), de modo a experimentar (fazendo), sem comprometer a moralidade na educação. Assim, os alunos construíam situações de aprendizagem efetiva, em contextos reais, tendo como matriz um currículo flexível e coerente à realidade de cada um deles (metas a alcançar). O contacto com a natureza ou campo, característica das “escolas novas”, constituía o germe da estabilidade socioeducativa e a forma de promover comportamentos sustentáveis relativamente ao meio ambiente envolvente e à natureza. Nessa escola valorizavam-se os conhecimentos, entendidos na sua complexidade e aplicabilidade, na base duma atitude reflexiva para alunos e para os professores.

Faria de Vasconcelos (2015) atribui grande importância aos valores e aos princípios de convivência, como elementos fundamentais na inspiração e orientação da construção de estratégias educativas, principalmente para a formação da cidadania. A partir do desenvolvimento de competências, com uma atitude de pen-

samento crítico, os alunos refletiam sobre o trabalho individual (autoavaliação) e dos restantes dos colegas (avaliação entre pares). Essa estratégia, pretendia despertar e clarificar o sentido de justiça, da equidade e habituava os alunos, de modo avaliativo “[...] a usar este instrumento de controlo com tato, prudência e deferência, mas também com franqueza e lealdade, para além do seu sentimento de beleza” (Vasconcelos, 1915, p. 107).

Na verdade, a perspetiva de Faria de Vasconcelos é rica na análise às várias tendências educativas geradas pela Escola Nova nos inícios do século XX, sendo as suas uma referência no âmbito do movimento da pedologia portuguesa (tal como Alves dos Santos e Aurélio da Costa Ferreira), da pedagogia científica europeia e da pedagogia como ciência educativa destinada à formação de educadores e professores. Define a ciência educativa baseada no estudo científico da criança (pedologia), na articulação eficaz do médico com o professor, no desenvolvimento de competências didático-pedagógicas para o ensino nos professores, numa colaboração ativa e sincera da família com a escola. Conhece como ninguém da sua época as ciências pedagógicas nos vários países e, além disso, mostra um grande interesse pela dimensão psicopedagógica e pela pedotecnia, sendo recetivo e defensor do avanço das novas metodologias no ensino e da orientação escolar e profissional. Tem uma dedicação especial pelo tema da infância e pelo debate dos problemas escolares, principalmente nos alunos *fracos de espírito* (atrasados escolares, irregulares e com dificuldades de aprender) que implicavam medidas socioeducativas nas escolas (Vasconcelos, 1936).

Por outro lado, Faria de Vasconcelos chamava atenção para os deveres sociais das gerações adultas perante as crianças/jovens no seu processo educativo. Segundo o escolanovista português, tais deveres, nos países mais avançados, “não constituem apenas objetivos de cultura; receberam já uma sanção eficaz na organização e funcionamento da vida social” (Vasconcelos, 1925, p. 148). Naquela época alertou para a necessidade de os direitos das crianças precisarem de uma regulamentação própria na justiça portuguesa. Para ele, a criança tinha direito à preservação da vida, ao bem-estar social, e tem por decorrência o direito a manter a sua saúde. Para além desses deveres normativos, reconhece o pedagogo albicastrense um outro dever na infância para ser educada e/ou instruída: “um quarto dever estreitamente ligado aos antecedentes consiste em prevenir o emprego prematuro da criança e do adolescente em atividades lucrativas destinadas a bastar-se a si próprios ou a aumentar as receitas da família” (Vasconcelos, 1925, p. 150). Além disso, para Faria de Vasconcelos, o trabalho infantil deveria ser proibido por uma legislação mais eficaz, pois prejudicava a saúde infantojuvenil e, sobretudo, comprometia o desenvolvimento físico e cognitivo da criança, trazendo imensos prejuízos à instrução e ao país, em razão do aumento do analfabetismo (Cunha, 1997). A criança que trabalhava era aquela que não ia à escola e/ou a abandonava, ou estando matriculada, não a frequentava. Nesse sentido, as políticas de educação eram compreendidas como

antídotos da criminalidade, já que se acreditava que o trabalho precoce atrapalhava a razão de ser da missão educativa da escola (Vasconcelos, 2010b).

Por conseguinte, a experiência pedagógica que relançou Vasconcelos para a ribalta da pedagogia contemporânea e da história da educação foi *Une École Nouvelle em Belgique*, publicada em Genebra em 1915, com prefácio de A. Ferrière, havendo uma versão em língua portuguesa (e-book) traduzida por Carlos Meireles-Coelho e apoiada pela FCT em 2015. É um facto que Faria de Vasconcelos conhecia bem o ideário de A. Ferrière para as escolas novas e num opúsculo anterior titulado *L'École Nouvelle à la Campagne* enfoca a trilogia da educação física, intelectual e moral, baseada no sentido de uma educação integrada (Vasconcelos, 1986).

Podemos dizer que, em termos comparativos, enquanto Ferrière foca o aspeto formal dos contextos que permitem a *educação integral* do aluno, Vasconcelos (1915) supera em sentido os objetivos e as finalidades dessa caracterização no pedagogo francófono, de tal modo que intuímos que o pedagogo português estava muito à frente do seu tempo, e daí a designação que lhe atribui A. Ferrière de “pioneiro da educação do futuro” no prefácio do seu livro. Nessa publicação, explica-se que a fórmula da educação do futuro é sinónimo de escola nova e ativa, ou seja, a escola deveria ser pensada e processada como “nova” (Alves, 1969, p. 63). Passado mais de um século, verificamos que Ferrière tinha razão. As próprias organizações internacionais ligadas à educação e à formação ainda hoje preconizam globalmente o que Faria de Vasconcelos fez naquela experiência pedagógica de Biérges, na Bélgica (1912-1914).

## **Faria de Vasconcelos mentor orientação profissional em Portugal**

O nascimento da orientação profissional está ligado às modificações sociais, económicas e técnicas, cujas mutações impulsionaram a procura social da educação e de orientação (escolar, profissional), elencando-se, portanto, no desenvolvimento das sociedades. Igualmente, a orientação profissional é inseparável da evolução dos modelos teóricos da psicologia e sociologia, ao configurar uma rutura com um modelo mecanicista vigente, a fim de obter um ajustamento entre as exigências de uma profissão e as aptidões individuais, medidas no fim de um percurso escolar (testes de âmbito psicomетria e sociometria), de modo a propor, em alternativa, um modelo educativo em que se promovesse o desenvolvimento das capacidades individuais de autonomia e escolha profissional (Bandeira, 2003).

Faria de Vasconcelos, desde a sua estadia na Bélgica, tinha-se interessado pela orientação pessoal, escolar e profissional, o que não é de estranhar, pois foi na Bélgica que, em 1908, Decroly e Chistiaens criaram um serviço de orientação profissional, o primeiro na Europa. A partir de 1918, o método de M. Fontègne – que na sua expressão ampla implicava que os dados da orientação profissional (entrevista com a criança e exame psicológico geral) fossem completados com a informação

fornecida pela família, pelo professor e pelo médico escolar. Esse processo enraizou-se nas práticas do Institut J. J. Rousseau, em Genebra. A finais da década de 1910, era evidente a influência de H. Piéron (criador do grupo francês da Educação Nova) na orientação profissional, adaptando métodos diversos em relação aos trabalhadores, assim como M. César de Madariaga, as professoras Chavannes et Jezler, M. Edmond Dégallier e M. Walther, entre outros. Mas, entre todos os que se dedicavam à orientação profissional, destaca-se E. Claparède, amigo de Vasconcelos, cujo contributo espraia-se pelas análises da estreita junção entre a orientação profissional, a educação, a tecnopsicologia e o estudo do trabalho industrial (levantamentos em meios industriais e monografias profissionais).

Em 1923, Vasconcelos concede uma entrevista ao jornal *O Século* em que anuncia a criação do Instituto de Orientação Profissional Maria Luísa Barbosa de Carvalho, que funcionaria na Universidade Popular de Lisboa (Brasil, 1969). Mais tarde, em 1925, na revista *Seara Nova*, refere a sua colaboração com a Universidade Livre de Bruxelas, informando que irá inaugurar um consultório de orientação profissional, que será uma iniciativa de grande projeção para a educação. Assim, a 31 de julho daquele ano o sonho de Faria de Vasconcelos torna-se realidade com a criação da primeira instituição portuguesa de orientação e seleção profissional – o IOP. Este estabelecimento teve sérias dificuldades para realizar a missão para a qual foi criado, a partir de 1933, já que o ambiente político daquela época salazarista criava indefinições, hostilidades e dificuldades financeiras ao instituto. Mas apesar dessas adversidades e com o empenho do diretor, foi superando-as na medida do possível (Santos, 1969). O aparecimento dessa instituição orientada a interferir na organização social e servindo-se de técnicas completamente diferentes das até então utilizadas, além de utilizar processos científicos, havia naturalmente de levantar atritos (Vasconcelos, 2010a).

Na verdade, no início o IOP está na dependência do Ministério do Trabalho pelo Decreto-Lei nº 10.986, de 31 de julho de 1925, ficando-lhe afeta a parte das instalações do Asilo de D. Luís (ou Manuel Pinto da Fonseca) em Marvila. O seu Regulamento foi mais tarde aprovado pelo Decreto-Lei nº 11.176, de 24 de outubro de 1925, tendo as seguintes competências (Alves, 1969): realizar exames diagnósticos de aptidões das crianças e jovens enviados pela Provedoria Central da Assistência; selecionar e integrar crianças normais, aptas para o estudo e para o trabalho nos estabelecimentos da Assistência Pública; encaminhar aqueles menores, após observação psicopedagógica, e aconselhar medidas ou internamento em estabelecimentos de reeducação, de educação especial ou um tratamento acompanhado para que pudessem se inserir na sociedade; conduzir pesquisas e investigações (inquéritos) sobre as condições económicas, técnicas e sociais das diversas atividades profissionais, diagnosticando as aptidões reveladas pelos alunos, de modo a proceder à sua orientação profissional; fazer consultorias da Provedoria em todos os assuntos que submetesse ao seu parecer; elaborar modelos de mapas, fichas e cadernetas escolares para serem adotados nas escolas e estabelecimentos de assistência pública;

dispor os seus laboratórios para a realização de pesquisas em fisiologia e psicologia aplicada ao diagnóstico de aptidões e ao estudo das atividades profissionais da época e respetivas condições económicas e sociais dos trabalhadores precários; criar um museu de atividades profissionais; promover a investigação científica.

Em 1926, o IOP fica na dependência do Ministério do Interior e no ano seguinte passa para a tutela do Ministério da Instrução. Em janeiro de 1928, além de manter as anteriores atribuições, a sua esfera de ação é consideravelmente ampliada. Fica-lhe atribuída a realização de exames de orientação e seleção profissional dos alunos das escolas complementares, das escolas primárias, das escolas técnicas e dos liceus (Cunha, 1997). Os exames de seleção mental e de orientação profissional eram aplicados às crianças/jovens que estavam sob julgamento dos tribunais tutelares de menores, para além de se usarem em exames de seleção profissional para adultos nos serviços do Estado. Também lhe competia organizar os serviços de orientação profissional no país e proceder à formação científica de peritos orientadores, com o fim de preparar pessoal habilitado para os serviços da administração ou áreas profissionais. O instituto tinha a seu cargo um vasto plano de realizações do maior alcance social, mas necessitava, para atingir os seus objetivos, de mais recursos e meios. Mais tarde, em 1931, o IOP integra-se à Direção-Geral do Ensino Superior – Decreto-Lei nº 20.236, de 19 de agosto, e posteriormente, com o Decreto-Lei nº 22.753, de 28 de junho de 1933, foi-lhe permitido o funcionamento do Curso de Peritos Orientadores.

---

### **O IOP propunha as bases, normas e condições às quais se sujeitavam a educação física, manual, intelectual, moral, social, artística e profissional**

Todo esse processo de orientação era complexo, não se limitava à análise das aptidões psicológicas e ao correto encaminhamento dos sujeitos para as respetivas atividades profissionais. Para assegurar a execução dos seus serviços, o IOP, sob a direção de Faria de Vasconcelos (1936), estava estruturado numa série de secções de trabalho, com objetivos bem definidos, havendo a 28 de junho de 1933 as seguintes oito secções: clínica, fisiológica, psicológica, económica, pedagógica, de colocação e patrocínio de aprendizes; já em 1931 se tinha criado a bolsa de emprego e a secção de documentação e propaganda. Mais tarde criou-se a secção de museu das atividades profissionais. Cada uma dispunha de uma direção autónoma. O IOP era, ainda, constituído por uma série de laboratórios, agrupados em duas categorias: uns

para os exames de orientação profissional de crianças e adolescentes; outros de seleção profissional para adultos. É de realçar que, em 1928, existiam 22 laboratórios bem equipados, e posteriormente instalou-se mais dois laboratórios para a observação clínica e mental, respetivamente em Coimbra e no Porto, um outro laboratório no Liceu Nacional de Castelo Branco para a orientação profissional dos menores e ainda outro no Liceu Normal de Lisboa para orientação de experiências (psico) pedagógicas. Simultaneamente, os professores dos liceus treinavam no Instituto a prática de provas de capacidade mental para aplicar aos alunos (Vasconcelos, 1929).

O IOP propunha as bases, normas e condições às quais se sujeitavam a educação física, manual, intelectual, moral, social, artística e profissional, bem como a instrução ministrada aos escolares, além da respetiva inspeção e fiscalização pedagógica (Patrício, 2010). O estabelecimento abrangia todos os serviços de orientação profissional e de controlo da aprendizagem de adolescentes, de ambos os sexos, que frequentavam instituições de ensino ou de assistência educativa (Alves, 1969).

Efetivamente, a finalidade da orientação profissional consistia em substituir os processos empíricos na escolha vocacional de uma carreira profissional (profissão) por métodos científicos (psicométricos, psicopedagógicos), submetendo o indivíduo a uns exames (clínico, fisiológico e mental) destinados a verificar as (in)aptidões, a estabelecer o seu tipo somático, funcional e mental, ou seja, as suas características essenciais adaptadas à profissão ou curso que pretendia frequentar (Santos, 1969). Portugal foi o primeiro país onde a orientação profissional foi “aplicada a menores assistidos e também o primeiro país onde se aplicaram os serviços de orientação profissional aos menores delinquentes sujeitos à jurisdição dos tribunais especiais” (Alves, 1969, p. 74). Reconhecemos no pedagogo albicastrense uma visão ampla sobre a orientação escolar e profissional que, embora complexa, evitava qualquer atitude arbitrária ou a ênfase em um fator em detrimento de outros considerados mais essenciais. Para ele, eram indispensáveis os depoimentos dos orientandos, dos pais (ou tutores) e dos professores; os dados fornecidos pelas escolas; os exames aplicados pelo IOP (clínicos, fisiológicos e psicológicos); os inquéritos sobre as condições económicas, sociais e técnicas das profissões; e a aplicação de instrumentos de investigação (Alves, 1969). O *Boletim do IOP* constituía o principal veículo de divulgação dos trabalhos de investigação realizados (Santos, 1969).

Faria de Vasconcelos sustentava na sua obra escrita que a escola, como instituição educativa, necessitava de um conhecimento correto do aluno e de tomar em consideração na prática educativa as suas diferenças psicológicas. Essa ideia nortear-se pelo “modelo da descoberta”, que pressupunha que cada indivíduo está feito para seguir determinado caminho e que apenas é necessário encontrá-lo, e por isso recomendava como primeira solução a realização do exame psicológico à entrada do liceu, o qual visava impedir o ingresso de alunos que não tinham competências ou não manifestavam aptidões necessárias para assimilar os conhecimentos ali ministrados (Vasconcelos, 2015). Reforçava-se, assim a dimensão social da educação, pois se essa triagem de seleção não fosse feita, muitos dos alunos tornavam-se um peso morto para o sistema, prejudicando a si próprios, aos outros e à sociedade, porque podiam ir para outros trabalhos (Patrício, 2010). Faria de Vasconcelos (1931) era claro e explícito quando abordava que na escolha da profissão os indivíduos não seguiam nem os seus desejos nem a sua vocação, mas procuravam ganhar, seja como fosse, a sua vida.

Muitos indivíduos procuravam profissões liberais sem terem as devidas capacidades/competências, provocando um excesso desses profissionais em certos ramos de atividade, com tendência a serem medíocres ou incompetentes, enquanto o país

tinha escassez de mão de obra qualificada. Refere com frequência que a profissão é das coisas mais importantes da vida de um sujeito: “a profissão é o fulcro em torno do qual gira toda a vida do indivíduo”, parecendo claro que a satisfação profissional está dependente de fatores internos à profissão e é possível apenas na coerência ou adequação entre as aptidões e a área da atividade (Vasconcelos, 1936).

O escolanovista albicastrense expressou frontalmente seu desacordo face ao tipo de ensino secundário vigente, que não integrava as suas propostas, e daí o seu desacordo com a realidade do sistema de ensino (Vasconcelos, 2009). Contudo, os seus pressupostos relacionados à orientação estavam impossibilitados de êxito, pois não era possível democratizar o ensino num regime não democrático. Nesse sentido, retoma a defesa da escolaridade obrigatória dos 7 aos 16 anos, subdividindo-a nos seguinte escalões: dos 7 aos 11 anos – o ensino primário; dos 11 aos 14 anos – regime de pré-aprendizagem; a partir dos 15 anos concebia-se ao aluno a possibilidade de escolha vocacional, quer ela fosse para um regime de aprendizagem ou para os cursos especiais dos liceus; depois dos 15-18 anos, para os que pretendessem ser admitidos no ensino superior, dito liberal.

---

**Faria de Vasconcelos defendia uma nova educação, em que a educação técnica era indispensável para a formação de futuros trabalhadores especializados**

Faria de Vasconcelos defendia uma nova educação, em que a educação técnica era indispensável para a formação de futuros trabalhadores especializados, e nesse sentido a sua abordagem foi levada ao pormenor na formulação de propostas divulgadas no *Boletim do IOP* e em revistas pedagógicas (Patrício, 2010). Ao tratar-se de uma educação técnica e não da aquisição de um saber técnico, cabia à escola (sistema de ensino oficial) ou instituições educativas comuns e obrigatórias para todas as crianças ministrá-la, desde que o seu desenvolvimento mental lhes permitisse tirar partido das suas competências. Para as raparigas – e de acordo com as recomendações da Liga Internacional da Educação Nova –, só para a aprendizagem de atividades profissionais estritamente femininas é que deviam ser criadas escolas adequadas, que respeitassem os princípios e métodos da

pedagogia moderna. Para as outras atividades, as raparigas frequentavam o ensino conjuntamente com os rapazes. No que diz respeito às “crianças anormais” (fracas de espírito ou atrasadas escolares), essa foi uma das preocupações constantes nos escritos de Vasconcelos, pelo menos desde 1909, quando propôs a criação de escolas especiais, nas quais a “cultura geral e profissional fosse estritamente adequada às suas aptidões físicas e mentais”, admitindo que fossem “completadas por obras pós-escolares de colocação e assistência” (Vasconcelos, 1934, p. 79 e 81).

Por conseguinte, com o desaparecimento de Vasconcelos, o IOP cai num marasmo, sendo anexado à Faculdade de Letras de Lisboa. Mesmo sacudido por alguns estudiosos persistentes na divulgação da orientação profissional em Portugal, o IOP

só viria a ser reabilitado em 1977, após o 25 de Abril<sup>1</sup>, pelo Ministério da Educação, com funções de orientação escolar. Ao longo do seu percurso, ficam as palavras do seu fundador, segundo as quais o IOP pretendia o “propósito para vos ajudar, a vós e a vossos pais, na escolha da profissão que mais vos convém; olhai que a escolha do ofício é das coisas mais sérias da vida, porque depende o vosso futuro, o futuro dos vossos” (Vasconcelos, 1934, p. 47).

## Algumas ideias a reter

Faria de Vasconcelos pertence à plêiade de pedagogos portugueses inovadores com as ideias do movimento da Escola Nova, como A.J. Alves dos Santos (trabalhou com Claparède); Adolfo Lima (responsável português da Liga Internacional da Educação Nova, diretor da Escola Oficina nº 1 de Lisboa e da revista *Educação Social*); António Sérgio, Álvaro Viana de Lemos (divulgador de C. Freinet); César Porto, Irene Lisboa, Sebastião da Gama e Agostinho da Silva. Esta insigne figura e o seu contributo para as ideias pedagógicas em Portugal devem continuar a ser analisados à luz da atualidade, considerando as suas ideias psicopedagógicas, a formação de professores e a riqueza experiencial adquirida na Europa e na América Latina.

Há no pedagogo português certos vestígios do ambientalismo pedagógico ou naturalismo de Rousseau (e até de Pestalozzi, em Biérges), nessa pretensão de a escola transformar a sociedade para que esta seja mais igualitária e justa. De tal forma que na sua obra *Lições de pedologia e pedagogia experimental* tem na página de rosto uma referência ao filósofo francês, para além de o citar na oração de sapiência inaugural das ciências da educação que fez aos seus amigos: “Para ensinarmos, sobretudo para educar, não basta conhecer bem o que se deve ensinar. E, além disso, de absoluta necessidade, de ser o sujeito a que se deve ensinar-se” (Vasconcelos, 1934, p. 1). Nesse sentido, defende a pedagogia experimental para detetar as necessidades reais da criança, capaz de assegurar que não se exerçam sobre ela coações fundamentadas em ideias feitas, de qualquer tipo ou origem.

Para ele a conceção de educação pressupõe uma conceção de homem “novo”, com papel determinante no progresso da sociedade e conduta cívica nas suas relações com os outros e com a natureza (ambiente envolvente), situando-se perante a situação política e social numa perspetiva de educação/escola democrática (influxo de Dewey) no sentido mais amplo do termo. Se toda a educação depende de uma opção política, quer se trate de programas, currículos, métodos ou daquilo que a sociedade espera da educação, então será diferente conforme os regimes. A educação integral do homem era o mais importante, visto que a geração de hoje forma a de amanhã. Nesse sentido é clara sua posição por uma sociedade justa, solidária e democrática (Bandeira, 2003).

---

<sup>1</sup> A data se refere à celebração da Revolução do Cravos, que derrubou o regime ditatorial do Estado Novo.

Faria de apostava na pedagogia científica e inovadora, entendida como tecnologia, utopia e forma de intervenção social, afirmando que “Eduquem-se e instruem-se as multidões; assegurem-se os direitos ao trabalho e à vida; reforme-se a família segundo as exigências da moral social” (Vasconcelos, 1986, p. 77).

O pedagogo português atribui à pedagogia contemporânea não só um carácter científico, mas ainda outras características que a distinguem, que no dizer de António Faria de Vasconcelos (1921) seriam as seguintes:

- Dinâmica, pois o sentido atribuído ao educar “[...] consiste em fornecer aos resorts interiores a ocasião e o meio de realizarem-se, em despertar e dirigir todas as atividades do educando, em pôr em ação todas as suas faculdades”, e por isso realçava a função do meio educativo ou escolar (Vasconcelos, 1921, p. 17);
- Genética, ao pretender que o “[...] educando devia elevar-se interiormente e não ser modelado exteriormente, deve instruir-se e não ser enchido de conhecimentos”, ou seja, instruído na base dos seus interesses e necessidades no seu desenvolvimento, permitindo-lhe modos de agir não impostos exteriormente (Vasconcelos, 1921, p. 17);
- Funcional, ao considerar que todos os processos cognitivos são como instrumentos para desenvolver e aperfeiçoar a vida do educando, sendo por isso funções vitais, que desenvolvem “[...] a inteligência, a atenção, a vontade pela vida, como meios de utilizar para satisfazer as suas múltiplas necessidades materiais e espirituais”, que expressa um pragmatismo em que toda a inteligência e saber deviam conduzir à ação (Vasconcelos, 1921, p. 17);
- Social, ao nortear-se por vários aspetos, desde ser um instrumento conservação e aperfeiçoamento civilizador, de preparar/inserir o indivíduo para “desempenhar uma função útil na coletividade” até a promoção das tendências sociais, pois Faria de Vasconcelos pretendia “fazer da escola um meio social” (socializador na base da disciplina e do trabalho escolar em dinâmica de grupo e individual, da cooperação e interação, com ênfase para o papel dos trabalhos manuais e da ginástica) (Vasconcelos, 1921, p. 18);
- Diferencial, pois assenta a sua ação sobre as inclinações e as capacidades/apetidos particulares dos indivíduos, desenvolvendo-os no sentido das suas características, adaptando-os às suas necessidades profundas e fundamentais e, por isso, a pedagogia aplicaria métodos socializadores/individualizados no ensino/instrução e na organização escolar (Vasconcelos, 1921, p. 18);
- Filosófica (ideal), assente na cultura individual/social, em circunstâncias favoráveis para que florescessem as aptidões e qualidades humanas, sendo educativamente como um “culto o ideal científico da verdade, o ideal moral do dever, da justiça e bondade, o ideal estético da beleza, ideais mutuamente entrelaçados” (Vasconcelos, 1921, p. 18).

Toda essa confluência de características presentes na obra e pensamento de Faria de Vasconcelos, ao definir a pedagogia contemporânea, a qual era guiada pela ciência e iluminada pela moral e pelas artes. Por isso, para ele, “A obra educativa não é só uma obra de ciência e ação, mas também uma obra de filosofia e de poesia incessante” (Vasconcelos, 1922, p. 73). Além disso, impregnou-se da pedologia da época, que se apresentava como sendo uma parte da antropologia (oposta à andrologia), ocupando-se pela infância, mas com um significado biológico (determinismo a partir Darwin) e psicológico (Wundt, Adèle Schreibér, Maurice Fleury, Stanley Hall etc.), especificada pela psicologia funcional de Claparède e de outros psicopedagogos do Movimento Escola Nova, entre eles o próprio Faria de Vasconcelos, que a definia num sentido psicopedagogia e social, da seguinte forma, no estudo científico da criança e da infância:

É a ciência experimental da criança sob os seus diferentes aspectos [...] procura conhecer o corpo da criança (estatura, peso, etc.) normal ou anormal, a sua evolução, os órgãos dos sentidos, o seu espírito, as qualidades e defeitos físicos, intelectuais e morais, tendo em vista a determinação das leis do seu desenvolvimento físico e mental, tanto sob o ponto de vista geral aplicável a todas as crianças, como sob o ponto de vista das diferenças e variedades individuais (Vasconcelos, 1986, p. 198).

Essa nova pedagogia de índole experimental abordava os conhecimentos físicos, fisiológicos e psíquicos relativos ao desenvolvimento da criança, com instrumentos e técnicas atualizadas, levando Vasconcelos a afirmar que “A pedologia é a fisiologia experimental da criança, cujo corpo e espírito procura conhecer, tendo em vista a determinação não só das leis do seu desenvolvimento, mas também das diferenças, variedades e tipos individuais, de forma diferenciada” (Vasconcelos, 1986, p. 205). De facto, para o pedagogo português era uma ciência nova, que abordava “O estudo científico da criança está ainda muito atrasado e seria extremamente imprudente deduzir dos resultados atuais da psicologia experimental aplicações pedagógicas precisas e positivas” (Vasconcelos, 1986, p. 206).

Vasconcelos constitui um referencial para a história da educação ao desenvolver aspetos psicopedagógicos para a formação dos professores, pois a ação destes deve ter em vista conservar e fazer crescer a criança, pois: “Do bem e do mal que andam pelos caminhos da vida, são em boa parte responsáveis os que se dedicam com alma ou sem ela à obra da educação” (Vasconcelos, 1922, p. 123).

## Referências

ALVES, M. H. D. G. de S. A ação pedagógica de Faria de Vasconcelos no Instituto de Orientação Profissional “Maria Luísa Barbosa de Carvalho”. **Estudos de Castelo Branco**, Castelo Branco, n. 30, p. 56-78, 1 jul. 1969.

BANDEIRA, F. Vasconcelos, António de Sena Faria de. *In*: NÓVOA, A. S. (dir.). **Dicionário de educadores portugueses**. Porto: Edições ASA, 2003. p. 1397-1404.

BRASIL, R. Faria de Vasconcelos e a evolução da Pedagogia Portuguesa. **Estudos de Castelo Branco**, Castelo Branco, n. 30, p. 38-46, jul. 1969.

CUNHA, A. A. O. **Faria de Vasconcelos**: pensamento e ação pedagógica. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Minho, Braga, 1997.

DUARTE, M. L.; MEIRELES-COELHO, C. Escola Nova de Faria de Vasconcelos: uma utopia no séc. XX para a educação no séc. XXI. *In*: CONGRESSO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, 11., 2011, Guarda. **Livro de Atas do XI Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação**. Guarda: Instituto Politécnico da Guarda, 2011. v. 4, p. 247-252. Disponível em: [https://www.spce.org.pt/assets/files/atas\\_SPCE2011\\_volume4.pdf](https://www.spce.org.pt/assets/files/atas_SPCE2011_volume4.pdf). Acesso em 13 ago. 2026.

MARQUES, J. F. Perspectivas internacionais en la Historia de la Psicología en Portugal. **Revista de Psicología General y Aplicada**, Madrid, v. 53, n. 4, p. 599-606, 2000.

MARTINS, E. C. O escolanovista Faria de Vasconcelos e a educação das crianças anormais: ação (psico)pedagógica no Instituto de Reeducação Mental e Pedagógico (1929-1931). **Travessias**, v. 13, n. 3, p. 152-172, set./dez. 2019.

MEIRELES-COELHO, C.; COTOVIO, A.; FERREIRA, L. A escola às crianças de Faria de Vasconcelos. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL ENVOLVIMENTO DOS ALUNOS NA ESCOLA: PERSPETIVAS DA PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO, 1., 2014, Lisboa. **Atas do I Congresso Internacional Envolvimento dos Alunos na Escola: Perspetivas da Psicologia e Educação**. Lisboa: Instituto de Educação, Universidade de Lisboa, 2014, p. 45-59. Disponível em: <https://repositorio.ulisboa.pt/entities/publication/d61392b9-9394-4e2a-a6ec-82f47a77ca42>. Acesso em: 13 ago. 2026.

PATRÍCIO, Manuel Ferreira. A Seara Nova no itinerário pedagógico de Faria de Vasconcelos. **Seara Nova**, nº 1712 (verão) e nº 1713 (outono), 2010.

PORTUGAL. Ministério da Instrução Pública. Reforma da Educação: proposta de lei. **Diário do Governo**, Lisboa, II série, n. 151, 2 jul. 1923.

SANTOS, D. O Professor Faria de Vasconcelos e a Orientação Profissional. **Estudos de Castelo Branco**, Castelo Branco, n. 30, p. 8-9, jul. 1969.

VASCONCELOS, A. S. F. de. As características de educação contemporânea. **Seara Nova**, Lisboa, n. 1, p. 17-18, 15 out. 1921.

VASCONCELOS, A. S. F. de. **Lições de pedologia e pedagogia experimental**. Lisboa: Antiga Casa Bertrand, 1909. 586 p.

VASCONCELOS, A. S. F. de. **Delinquência e inteligência nos adolescentes**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1936.

VASCONCELOS, A. S. F. de. **Monographie de L'Institut de Reeducation Mentale et Pédagogique**. Lisboa: Imprensa Lucas, 1931.

VASCONCELOS, A. S. F. de. **Obras completas**: 1900-1909. Apresentação de J. Ferreira Marques. v. 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

VASCONCELOS, A. S. F. de. **Obras completas**: 1915-1920. Apresentação de J. Ferreira Marques. v. 2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

VASCONCELOS, A. S. F. de. **Obras completas**: 1921-1925. Apresentação de J. Ferreira Marques. v. 3. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

VASCONCELOS, A. S. F. de. **Obras completas**: 1925-1933. Apresentação de J. Ferreira Marques. v. 4. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

VASCONCELOS, A. S. F. de. **Obras completas**: 1933-1935. Apresentação de J. Ferreira Marques. v. 5. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010a.

VASCONCELOS, A. S. F. de. **Obras completas**: 1936-1939. Apresentação de J. Ferreira Marques. v. 6. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010b.

VASCONCELOS, A. S. F. de. Os deveres sociais para com a infância. **Revista Escolar**, ano 5, n. 4, p. 147-151, abr. 1925.

VASCONCELOS, A. S. F. de. **Por terras d'além-mar**: viagens na América. Lisboa: Seara Nova, 1922.

VASCONCELOS, A. S. F. de. **Problemas escolares**: 2.<sup>a</sup> série. Lisboa: Seara Nova, 1929.

VASCONCELOS, A. S. F. de. **Uma escola nova na Bélgica**. Tradução de Carlos Meireles-Coelho, Ana Cotovio e Lúcia Ferreira. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2015. 320 p. Disponível em: <https://purl.pt/26930>. Acesso em: 13 ago. 2026.

VASCONCELOS, A. S. F. de. **Une École Nouvelle en Belgique**. Neuchâtel: Delachaux & Niestlé, 1915.